

## **VARIEDADE PADRÃO E LEITURA NA ESCOLA DO CAMPO: CONSTRUIR NOVOS CAMINHOS PARA PARTICIPAÇÃO CIDADÃ CRÍTICA DO ALUNO E DO PROFESSOR**

*Standard language and reading in the countryside school: building new ways for critical citizen participation of students and teachers*

*Marina de Souza Jacob\**

**RESUMO:** Esta resenha objetiva analisar os principais resultados da tese de Doutorado *Letramento e Linguagem em Escola Rural no Maranhão*, cujo aporte teórico se embasa na Sociolinguística variacionista com perspectivas de Bortoni-Ricardo (2011, 2005, 2006) e de Bagno (2002, 2003, 2007), escolhidos pela pesquisadora Maria Da Guia Taveiro Silva, cujo enfoque se volta às práticas de ensino da língua padrão em sala de aula rural e as influências da professora e da comunidade de origem dos alunos nesse aprendizado. A estudiosa enfoca os usos coloquiais, informais da língua tanto pela professora quanto pelos alunos no contexto da sala de aula, o que dificulta o aprendizado da variedade de prestígio. Para ela, o desconhecimento da Teoria Sociolinguística pelo professor pode até mesmo causar desmotivações e fracassos sócio-escolares nos aprendizes. O diálogo com a pesquisadora Taveiro Silva permitiu lançar olhares mais críticos para a importância da leitura na sala de aula e para a formação da criticidade aos usos e aquisição da norma-padrão. Para isso, nosso olhar seguiu breves pistas por ela deixadas, como algumas interações entre professora e alunos acerca de assuntos essenciais, tais como leitura e escrita. Assim, acrescentamos a perspectiva do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD Campo), programa governamental lançado somente em 2013 cujo objetivo é criar um material, como o livro didático, às novas concepções do paradigma da Educação do Campo.

**ABSTRACT:** *This review aims at an analysis of the main results of the doctoral thesis entitled "Literacy and Language in a Rural School in Maranhão", which relied on Variationist Sociolinguistics for its theoretical framework, with the viewpoints of Bortoni-Ricardo (2011, 2005, 2006) and Bagno (2002, 2003, 2007), chosen by the researcher Maria Da Guia Taveiro Silva. The work focuses on language teaching practices in the rural classroom in what concerns the use of the standard language variety, as well as the influence of the teacher and the students' community of origin in the learning process. The researcher aims to show how the usage of colloquial, informal language inside the classroom, by both the teacher and students, interferes with the acquisition of the prestige variety of language. For her, the teacher's lack of*

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Bolsista Fapemig. marinarosajacob@yahoo.com.br

*knowledge of Sociolinguistics theory may even lead to the discouragement and socio-educational failure of the students. The dialogue with Taveiro Silva has enabled a more critical outlook on the importance of reading in the classroom, as well as criticality regarding the usage and acquisition of the standard language. To this end, we have followed the clues provided by her, including the interaction between teacher and students regarding important matters, such as reading and writing. The PNL D Field perspective, a government program launched only in 2013, has been added. Its goal is to develop material, such as textbooks, based on a new concept of Rural Education.*

A tese de Doutorado intitulada *Letramento e Linguagem em Escola Rural no Maranhão*, defendida por Maria Da Guia Taveiro Silva, em 2012, no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UNB), desenvolve-se através da metodologia qualitativa, pesquisa microetnográfica. A estudiosa Taveiro Silva (2012) adentra a escola e o povoado ao sul do Estado do Maranhão, a 18 km do município de Imperatriz, onde moradores constroem suas casas nas beiras das estradas ou fazendas com materiais encontrados na natureza, como madeiras, talos de babaçu, barro, cipós etc. A maioria dos moradores da zona rural maranhense subsiste graças à produtividade da terra, com pouca perspectiva de melhora, já que os investimentos parecem negligentes com o homem do campo, incapazes de gerar mudanças significativas em sua vida. Em todo o Brasil, o deslocamento desses povos à cidade é uma transferência de problemas, pois podem estar submetidos a uma nova marginalização nas periferias urbanas. O Brasil é o país que mais faz distinção entre o que seja urbano e rural, numa desintegração que afasta e desune tais pólos tão importantes ao equilíbrio da vida social. Assim, a escola no ambiente rural não tem recebido um ensino apropriado às peculiaridades do contexto campesino, não representa uma equalização de oportunidades aos seus participantes, mesmo com as melhorias conquistadas.

Participaram do estudo trinta e quatro alunos das duas turmas 1º ao 5º anos, entre 6 a 16 anos, membros de sua família (com baixa escolaridade), bem como a professora, da escola rural. Embora com um espaço físico pequeno, apenas uma sala de aula, com sol lhe invadindo pela metade, a escola mantinha a limpeza e o ambiente agradável. O acesso ao povoado rural de Bacaba é feito por estrada de terra, bem estreita, com buracos, e em época de chuvas o rio transborda, dificultando ainda mais o trajeto. Isso mostra bem o descaso das autoridades e condições de vida desses moradores.

Os aportes teóricos para o estudo em questão são o da Sociolinguística variacionista, com perspectivas de Bortoni-Ricardo (2011, 2005, 2006) e Bagno (2002, 2003, 2007), e o do Letramento, funcionando como contextualização da língua em uso pela professora e pelos alunos, sob fundamentações de Magda Soares (2004) e Street (1984), ambos com perspectivas de variação dos usos da linguagem, da leitura, da escrita e da fala, entre diferentes espaços, sujeitos e práticas sociais. A pesquisadora optou também pelo escopo teórico que se enquadra na perspectiva da Escola Rural, enquanto política pública e pedagógica preocupada com a educação nesse contexto, desde períodos da República. Ela fez uma retrospectiva histórica dos principais marcos dessa política no Brasil e convocou a escola a desenvolver um projeto de letramento mais engajado, que abra possibilidades aos educandos a fim de participarem de variadas práticas letradas sociais, ultrapassando a função somente do ler/ escrever.

As práticas linguísticas presentes no contexto da sala de aula, da família e da comunidade constituem os principais alvos de análise da estudiosa, envolvendo a fala e a escrita, principalmente em contextos de ensino-aprendizagem.

Como a escola é a agência da aprendizagem e do letramento, é necessário que o professor se apresente como parâmetro aos alunos na aquisição da variedade de prestígio da língua, a fim de possibilitá-los envolverem-se com habilidade nas mais diversas práticas linguísticas sociais. Porém, conforme Taveiro Silva (2012), a professora das turmas da escola pesquisada, responsável pelo turno vespertino e matutino, não possui conhecimentos mais detalhados sobre Sociolinguística, Letramento ou Linguística, como fica evidente nas entrevistas e observações. Numa rotina sobrecarregada com salas multisseriadas, praticamente nenhum apoio pedagógico, a professora promove o ensino-aprendizagem através de sua experiência, intuição e hábitos linguístico-culturais advindos do meio rural. Seu modo de falar reflete o da comunidade simples em que habita, comumente conhecido como “caipira”. Durante sua formação profissional como professora, a grade curricular de seu curso não foi contemplada com essa teoria que muito colabora para o ensino-aprendizagem da língua em seus diversos usos concretos. Assim, ao desenvolver atividades pedagógicas referentes ao uso formal (ou informal) da língua, ela acaba excluindo aspectos imprescindíveis dessas modalidades, como contexto e objetivos da comunicação, exigências de normas e regras, intencionalidades comunicativas etc. Nesse excerto,

demonstra-se uma situação por que passa um aluno, referente ao uso da linguagem, e desapercibida ao olhar da professora, desconhecidora do conceito de variedade linguística,

P 2 – *Mas eles não falam como você? Do mesmo jeito?*

(17) A1 – *É (+), maisi elis ri da gente e a tia nem briga, condi eu digo pa ela, ela num faz NAda.* (SILVA, 2012, p. 202)

Para Taveiro Silva (2012), se o educador não lançar mão de estratégias de ensino sociolinguísticas, pode até mesmo “levar os alunos ao fracasso, desmotivá-los” (SILVA, 2012, p. 151). Usos padrão e não-padrão da língua devem vir articulados ao ensino da língua, evidenciando motivos, características, diferenciações, preconceitos. Um grave problema da escola é não saber como agir diante da diversidade linguística, modos de falar de alunos oriundos de camadas menos favorecidas.

A pesquisadora inquieta-se com o linguajar natural dos alunos e da professora do povoado de Imperatriz, dito ‘dialeto de menor prestígio’, e busca aspectos nele presentes que não favorecem a apreensão da norma culta, ou seja, aquilo que a escola espera. Então dialoga com a docente, mostra-lhe aspectos da própria pronúncia, do modo de falar não-padrão, que interferem na aquisição da norma culta pelos alunos. A monitoração linguística torna-se então uma ferramenta singular de aprendizagem da linguagem, o que pode ser percebido a partir de interações, como:

Aluno: *“Tia prumodeque nós tem que lê tudim, a mĩa é muito grande. É grandona mermu.”*

Aluno: *“Tia, Pruque nós num pode lê só um pedacim?”*

Professora *“Vocês vão ler PORQUE é lendo que se aprende mais. Vamos ler sim, e é agora.”*

Aluno: *“Pérai, minina! Tia,né pra lê na frente mermu não, NÉ? Então eu vô lê só pá sãóra, Viu?”*

Professora: *“Todo mundo tem que ler na frente MESmo pra todos ouvir.”*

Aluno: *“É tudim mesmo tia, é? Posso cumeçar o meu, tia, tia?”*

Professora: *“Pode sim,(+) COMeça, vai. Mininos, silêncio! Todo mundo tem que ouvir.”*

Neste diálogo, a professora corrige o ‘prumodeque’ pelo ‘porque’, justificando a leitura. Além disso, realçou o S na palavra ‘mesmo’ e o O na palavra ‘começar’, a fim de corrigir pela pronúncia o uso não-padrão da linguagem discente, o que parece ter

sido percebido por eles, que adequaram a própria fala à norma-padrão. Conforme Silva, os hábitos se constroem pela repetição, a qual favorecerá novos hábitos de fala, a influência da oralidade do professor é uma oportunidade que precisa ser explorada no ensino-aprendizagem.

Nesse trecho, nos interessou o tipo de interação ocorrida e o conteúdo do diálogo que gira em torno do ato da leitura. Foi possível perceber que alguns estudantes reclamaram do tamanho do texto feito como tarefa de casa. Um disse que lia só para a professora, outro quis ler só um pedacinho até outro começar lendo diante de todos. Chama-nos atenção as interações realizadas com e a partir de tais leituras, as vozes que vieram à tona, sua organização e circulação produzindo posicionamentos, concordâncias, discordâncias, novos conhecimentos, enfim. O espaço e o tempo oferecidos às apreciações dos alunos, às opiniões em torno do assunto da leitura, de seus modos, de seus objetivos, não foram destacados pela pesquisadora. Mesmo assim, foi possível perceber que, ainda com as sugestões dos alunos, a professora faz a leitura a seu modo, excluindo suas opiniões.

Silva (2012) levanta um dado importante além desta interação: os alunos preferem copiar textos a lê-los ou produzi-los, sentem-se inseguros, possuem bastantes dificuldades, conforme a pesquisadora. Mesmo copiando do quadro ou do livro, tarefa que acham mais fácil, incorrem em escritas do tipo: *“cotrola o trafego di veiculo que trasita por estas estradas Sao os carros caminhoes motos”* (SILVA, 2012, p. 185), que não recebem atenção ou comentários da regente. Para Silva (2012), os resultados poderiam ser diferentes com a prática da sociolingüística na sala de aula.

Também nos chama atenção compreender por que alunos da escola em questão preferem cópias a leituras ou produções textuais próprias e como tais atividades estão sendo-lhes oferecidas, o que não foi alvo da pesquisa de Taveiro Silva.

Professora – *“Você gosta mais de ler ou de escrever?”*

Aluno 2 – *“Ah tia, eu gosto mais é de iscrever praque é só copió do quadro. Cónde tem qui lê num gosto, não.”*

Professora – *“E a lição?”*

Aluno – *“Eu tombém num gosto de dá não.”*

Aluno – *“Ah, é difíci, eu num sei, tẽũ vergõia”* (SILVA, 2012, p. 186)

Ora, o aluno diz à pesquisadora não gostar de ler e no final diz sentir ‘vergonha’. Esse é um sentimento sobre a visão de si mesmo, que acompanha o seu aprendizado, o seu desenvolvimento como ser historicamente situado no espaço e tempo. Um dado relevante que irá interferir não só em sua relação com a leitura/ escrita, mas em todas relações sociais ao longo da vida. Um sujeito sabendo-se pouco do universo da leitura em sua escola e sentindo-se envergonhado nesse contexto, logo no Ensino Fundamental I poderá encontrar outras barreiras para prosseguir com sucesso sua vida sócio-escolar.

Diante desses posicionamentos, lançamos algumas questões para refletir. Como a norma-padrão poderia alcançar sentidos significativos a esses sujeitos? Quais materiais didáticos propiciariam um ensino-aprendizagem crítico-reflexivo quanto à língua? Como a leitura e a escrita seriam apresentadas a fim de suscitar o aprendizado baseado no prazer, ludicidade, curiosidade entre alunos que parecem não conviver com tais aspectos do ensino?

A pesquisadora Taveiro Silva (2012), além de estudar os falares na sala de aula, vai à comunidade investigar seus usos, contextos, materiais impressos. Práticas letradas ocorridas no povoado são alvo de análise, como missa, cultos, piqueniques, serestas, reunião de associação de moradores em que o domínio da leitura ou da escrita é relevante. A pesquisadora nota que a maior parte dos moradores não participa ativa, mas passivamente, “apenas podendo ouvir” (SILVA, 2012, p. 192). Assim, as práticas de letramento da comunidade pouco auxiliam no processo de letramento dos alunos quanto à apropriação da norma culta, “estão distantes das práticas da cultura letrada predominantes na sala de aula” (SILVA, 2014, p. 194).

Consideramos interessante utilizar em sala de aula as práticas letradas da comunidade, tornando-as o material didático-pedagógico real, concreto, participativo. Com os falares da comunidade, suas práticas de leitura e escrita, é possível desenvolver um ensino-aprendizagem em que a língua seja refletida em seu social, entre os próprios atores da comunidade, ao se identificarem os desvios linguísticos, as gírias, os ditados populares, bem como compará-los, reescrevê-los e evidenciar seus objetivos.

A identidade do homem campestre e sua presença devem aparecer nos livros didáticos e refletir “de onde vieram, como estão e para onde desejam ir” (ANTUNES-ROCHA, 2014, p. 36). Enquanto os materiais didáticos ainda não estejam dispostos no

mercado pelas editoras, criar práticas pedagógicas e eventos de letramento que socializem os saberes e cultura do homem campestre e valorizá-los em sala de aula são tarefas importantes. Se a dimensão da vida real dos sujeitos do campo for excluída do contexto de ensino, como os alunos poderão refletir na própria realidade e nela intervir? Como poderão aprender a leitura, escrita e a norma-padrão e com qual finalidade?

### Referências

ANTUNES-ROCHA, M. I. O campo e seus sujeitos: desafios para os livros didáticos na educação do campo. In: CARVALHO, G. T.; MARTINS, M. de F. A. (Orgs). *Livro didático e educação do campo*. Belo Horizonte. FAE, UFMG, 2014. p. 35 a 52.

SILVA, M. da G. T. *Letramento e linguagem em escola rural no Maranhão*. Brasília: UNB, 2012. 246 p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2012. Disponível em: <[http://linguagemnaciencia.weebly.com/uploads/3/0/9/3/30933555/letramento\\_e\\_linguagem\\_em\\_escola\\_rural.pdf](http://linguagemnaciencia.weebly.com/uploads/3/0/9/3/30933555/letramento_e_linguagem_em_escola_rural.pdf)> Acesso em: 15 nov. 2015.

Recebido em: 11/01/2016 Aceito em: 01/06/2016
--